

(Continuação da página 5)

de Kretschmer, a Escola de Vie-etc., logo começaram a gritar contra a psicologia caracterológica, contra o empirismo-lógico: e gritaram chamando-me, com todas as letras—Malfeitor—: porquê?

Afirmar: Eça é um esquizotímico», a poesia de X é «esquizoide típica», a «filosofia de Y tem uma base autística, logo levanta em certos campos furiosos clamores: porquê, santo Deus? Porque se ofendem tão espalhafatosamente certos personagens com o dizer-se-lhes: «é um picnico»? O caso é comparável, exactamente, a alguém que se irritasse por lhe dizermos: «o senhor tem olhos azuis», ou «pertence ao grupo sanguíneo D», ou até «à raça branca»!

Chegou-se a este ridículo: a reacção contra o biotipo... como se o biotipo fôsse um insulto...

A megalomania humana é incurável...

Confesso, sr. dr. Casais Monteiro, que me sinto desiludido e vexado com tudo isto. Sai do meu campo de trabalho com intuitos sinceros e legítimos, e vejo-me de repente no meio da bambuchata pseudo-intelectual mais grotesca que se pôde imaginar. Uivos, insultos, apupos, chalaças, versinhos, sultos, campanhas, calúnias, miserias, torpezas, uma comedia ridícula e deprimente: nenhuma seriedade, nenhuma reflexão, a completa ausencia da mais elementar etica intelectual: uma praça de touros... intelectual.

Triste país e tristes intelectuais...

Com toda a consideração

ABEL SALAZAR

P. S.—Longe de tentar diminuir, com a divulgação da análise logica actual, a liberdade intelectual, tenho-me esforçado, pelo contrario, em defendê-la, com trabalhos tendentes a mostrar que as pseudo-proposições (proposições sem sentido logico) podem ter um sentido psicologico e um sentido pre-logico, proposições que podem ser chamadas para-logicas. E' de proposições e juizos puramente psicologicos ou para-logicos que vive a poesia, a literatura.

A. S.

LEITOR:

Adquire os teus livros
por nosso intermédio,
Isso nos auxiliará

NOTAS MUSICAIS

BEETHOVEN começou a compôr em 1802 a «Terceira Sinfonia» em mi bemol, ob. 55, a chamada «Sinfonia Heróica», dedicada ao príncipe Lobkowitz, e acabada em 1804.

Nesta sinfonia, Beethoven, teve idéa de glorificar Napoleão Bonaparte, preiteando a sua grande admiração, nessa catedral de sons ao homem, ao unificador, ao libertador, ao herói.

Atribui-se a idéa do primeiro têmea ao general Bernadotte, embaixador da républica francesa em Viena.

A noticia da proclamação de Napoleão como imperador dos Francêses, foi recebida em Viena, no momento em que o manuscrito estava pronto para ser expedido ao primeiro consul, por intermédio da embaixada francêsa.

Beethoven recebeu a nova dos lábios do seu discípulo Ries, e encolerizado gritou: «Final, não passa de um homem como os outros! Vai agora pisar aos pés todos os direitos dos cidadãos e pensar apenas na sua ambição, elevar-se acima de todos e fazer-se tirano.»

E rasgou immediatamente a primeira página do manuscrito, onde estava apenas escrito: «Bonaparte»—Luigi de Beethoven.

Beethoven não permitiu senão muito mais tarde, depois de grandes instâncias, a publicação da sua «Sinfonia eroica per festeggiare il sovvenire d'un grand' nomo», e só se reconciliou com o genial Córso depois da sua morte.

Numa publicação do Wiener Musikzeitung (1846), Czerny, outro discípulo de Beethoven, referindo-se a uma conversação do Mestre com Krumpholz, que tendo encontrado este último na rua, o compositor sublime lhe deu a saber que Napoleão havia obtido uma grande vitória sobre os prussianos em Iena, ao que Beethoven, enfurecido afirmou: «Ah! se eu soubesse a arte da guerra, como sei da musica...».

//

Chopin, o genial criador das «Polonaises», de passagem por Stuttgart, em 1831, teve a noticia da tomada de Varsóvia pelos Russos.

A sua grande alma de artista e patriota, vibrou de dôr e desespero, e num inflamado momento de inspiração, compôs ao piano o Estudo em dó menor, ob. 10, N.º 12, mais conhecido por «Estudo Revolucionário».

A sorte incerta de seu pai, que êle estremecia, de toda a sua familia, a sorte da sua pátria tão amada, eis a trágica interrogativa deste ciclóptico estudo.

Etouard Ganche, um dos mais notáveis biógrafos de Chopin, a respeito deste estudo diz: «Sente-se um sôpro de violência que o atravessa como uma tempestade, toda a raiva e todo o ódio do vencido, exalado contra o opressor. E' um apêlo às armas que eléctrica, um canto de guerra ou de revolução que faz vibrar de entusiasmo. O baixo precipita-se em grandes arpejos persistentes e desordenados, enquanto que uma melodia breve, espaçada, se eleva orgulhosa, cheia de desafio, magestosa».

//

Grande Guerra—1914-1918.

O compositor Camille Saint-Saëns, nas columnas do «Echo de Paris» proclama exaltadamente a exclusão da musica alemã, em todos os espectáculos musicais.

O illustre autor do «Sansão e Dalila», esqueceu-se que um Bach, um Mozart, um Beethoven, um Wagner, não pertencem a um povo, mas sim à humanidade!

A-propósito, transcrevo aqui uma passagem duma carta do meu saúdoso Mestre Alexandre Rey Colaço ao seu amigo Lambertini que sintetiza o seu esplendoroso espirito e fina ironia: «...Mais do que uma esquadilha de «Zeppelins» sobre a minha cabeça aterra-me a idéa dum «chauvinismo» de que o illustre mestre M. Saint-Saëns está dando um deplorável exemplo, e, para o que também entre nós se nota uma inquietadora tendência. Vejo aproximar-se o dia em que (Jesus! crédo! só de pensar sinto arrepios!) nos vamos vêr obrigados a preferir uma «selection» sobre «Ali, à prêta!» à «Fantasia chromática» de Bach e qualquer fadinho da rua das Atafonas às «Melodias» de Schubert».

//

E para terminar, reproduzo um telegrama da Havas, recentemente publicado, nos jornais do Porto: «Milão, 20—O director do Teatro «Scala», desmente a noticia, de origem estrangeira, segundo a qual Toscanini teria sido convidado a dirigir